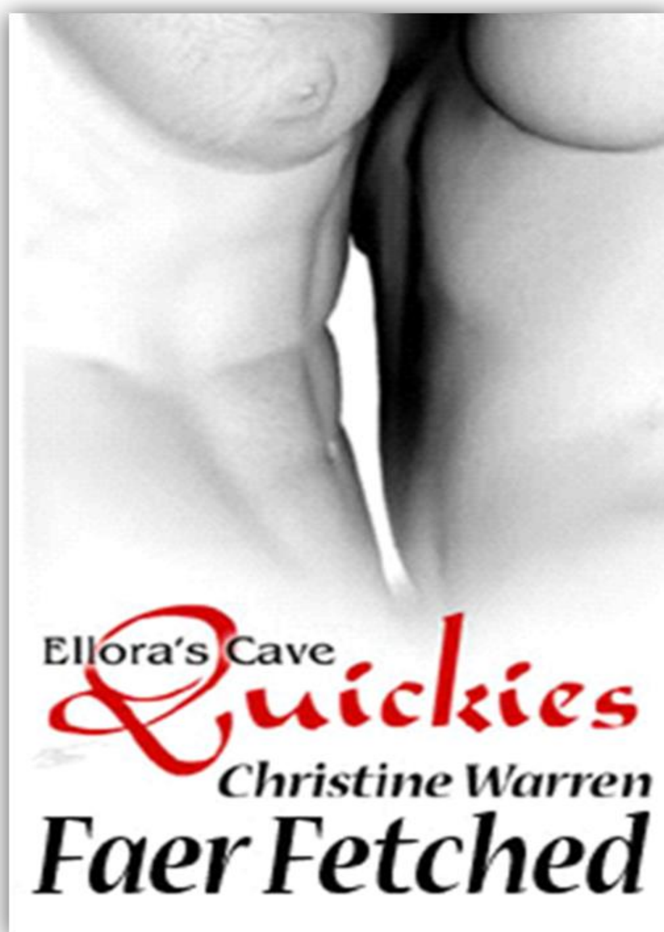



Buscando um Fae

Christine Warren

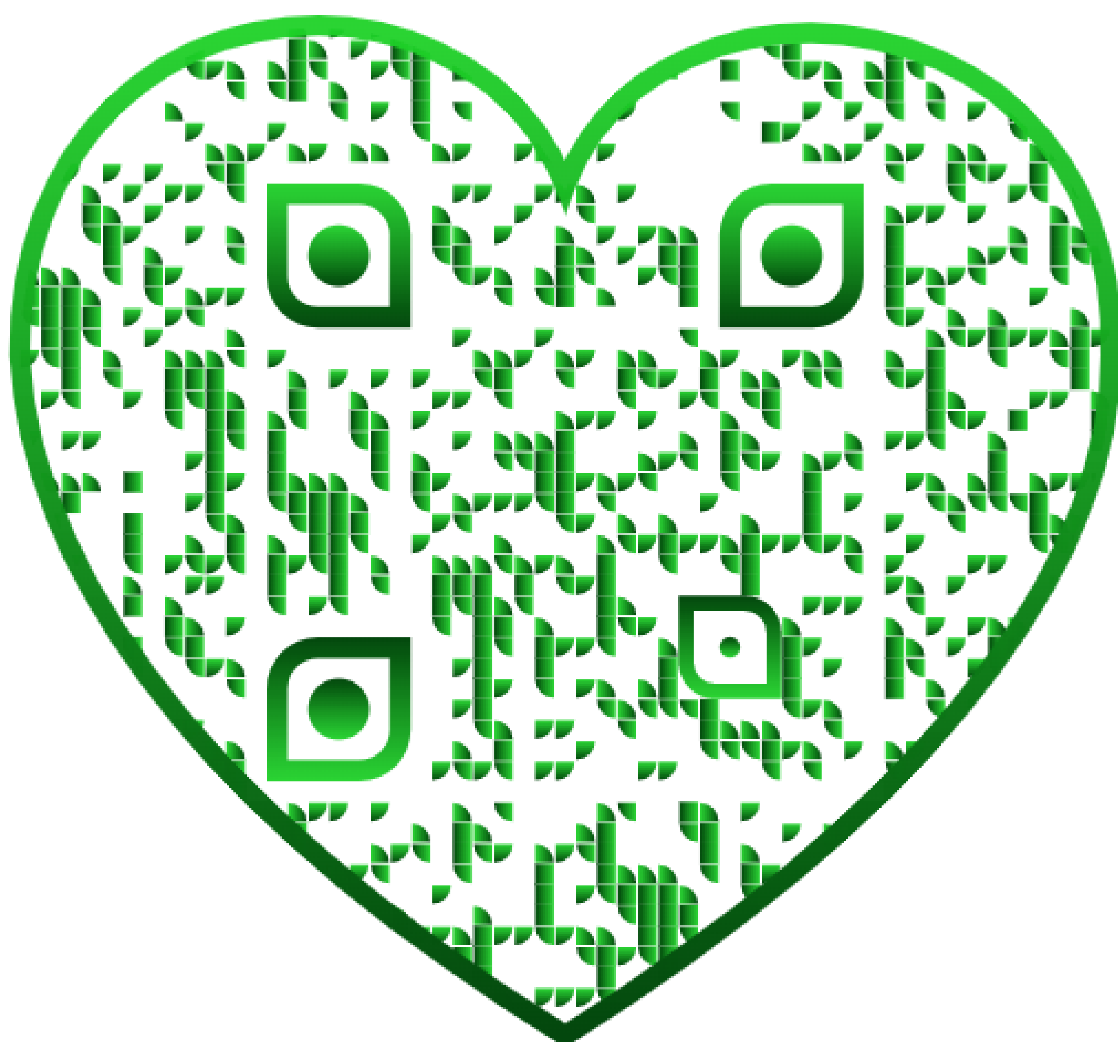
Livro 03



Danice Carter acordou nua e confusa. Não podia compreender como acabou na cama com um homem que nunca encontrou antes, porque não havia nenhum modo dela esquecer McIntyre Callahan.

O homem é tudo o que ela já fantasiou, um alucinante pedaço de dar água na boca... quem estava justamente tão intrigado sobre o que estava acontecendo quanto ela.

Quando eles descobrem que a explicação envolve um fugitivo da Faerie, a Terra das Fadas, uma magia muito complicada e teoricamente um quarto de hotel, as coisas começam a ficar um pouco estranhas.



Ainda bem que a atração entre Danice e Mac fazia todo o sentido do mundo.

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES
Revisão inicial: Dani Cecília
Revisão Final: Miriam
Visto Final: Tininha

Comentário da Tininha: Um conto divertido, hot, mas sem muita história. Como é pequeno, é gostosinho de ler. A mocinha encontra um cara num bar e tem a sorte deste lhe conceder um desejo, tipo um gênio da lâmpada. E ela acorda e uau, está ao lado de um fae TDB. Poderia ser mais explorada, se tivesse mais páginas. Mas é gostosinho de ler.

Capítulo 1

— O que você diria se eu dissesse que poderia transformar suas mais profundas fantasias em realidade?

Danice Carter soprou acima da borda do copo de Martini.

— Já estive lá, fiz isso e não fiquei impressionada.

O homem sentado do lado dela no bar franziu a testa.

— Estou falando sério.

— Eu também. — Danice terminou com seu segundo Cosmo e achou que era hora de encerrar a noite. O colega de trabalho que estava planejando encontrá-la ali para jantar acabara de ligar e dissera que não poderia ir, e Danice não estava com humor para comer sozinha.

— Você não acredita em mim. — O loiro sentado ao lado dela não parecia bêbado, mas a julgar pela quantidade de Bushmills que havia consumido desde que chegou, ele tinha que estar. Certamente tinha a persistência de um verdadeiro bêbado. — Você não acredita que eu possa fazer exatamente o que disse. Não entende que posso te dar seus desejos mais profundos.

— E você não entende que apenas não é o meu tipo, querido. — Ela pegou o celular e se levantou. Era hora de ir pra casa, para seu apartamento vazio para alguns momentos de paz e tranquilidade. — Desculpe.

— Espere. Você não pode partir. Não entende o que estou te dizendo.

Ele agarrou seu braço. Se ela não estivesse se sentindo cansada e com um pouco de pena do cara, teria se afastado um pouco. Em vez disso, apenas olhou incisivamente para sua mão ridiculamente pálida contra sua pele café com leite e levantou as sobrancelhas.

— Com licença?

— Tenho poderes. Posso sentir suas fantasias e torná-las realidade.

— Certo. Claro que pode. Agora, por que não solta meu braço antes que tenha de dizer ao garçom para chamar a polícia, ok? — Ela puxou seu braço, mas ele se manteve firme.

— Espere. Vou provar isso.

Ela começou a revirar os olhos, mas quando os seus olhos encontraram os dele congelaram no lugar. Ele tinha os olhos verdes da cor de garrafas de vidro antigas, com uma intensidade que enviou um

arrepio através dela, sem um motivo que pudesse entender. Realmente não era seu tipo. Ela reparou nele quando entrou no bar atrás dela e teve vontade de rir silenciosamente dele, porque parecia que tinha acabado de sair de uma convenção de Tolkien. Cerca de um metro e oitenta e três de altura, parecia magro como um caniço, com o tipo de altura desengonçada que o fazia parecer estranho, mas andava com uma graça inesperada. Ainda assim, usava o pálido cabelo loiro quase roçando suas coxas, com os lados puxados para trás em duas tranças, expondo as próteses surpreendentemente realistas que usava para fazer suas orelhas parecerem pontudas. Qualquer pessoa que passava tanto tempo fingindo ser um personagem de ficção não era o homem que Danice estava procurando.

Quando ela tentou desviar o olhar, descobriu que não podia. Aqueles olhos verdes prendiam os dela, exercendo alguma força estranha. Pareciam olhar mais profundamente dentro dela do que qualquer um tinha o direito de fazer, e não gostou da sensação. Ninguém deveria ser capaz de ter esse poder sobre ela, a não ser que usasse magia.

Olhou para longe e descartou a ideia com uma risada nervosa, mas não podia deixar de sentir como se fosse ele a quebrar o feitiço, não ela. Depois que suas melhores amigas, Reggie e Missy, sucumbiram ao outro lado do sobrenatural, e acabaram apaixonadas por homens que não deveriam existir, Danice não gostava da possibilidade de que a magia também pudesse ser um pouco real demais para o seu conforto.

— Olha, esta é uma oferta lisonjeira, cara, mas não acho que funcionaria entre nós. Nunca li O Silmarillion[1].

Ela lhe lançou um sorriso forçado e puxou com força, liberando seu braço de seu alcance.

[1] Silmarillion é uma coletânea de trabalhos mitopoéticos de J.R.R. Tolkien que foi editada e publicada (após sua morte) por seu filho.

— Obrigada pela oferta.

Ela se virou e caminhou rapidamente em direção à porta, ignorando o sentimento inquietante rastejando entre suas omoplatas. Talvez não devesse ter bebido aquela segunda dose, afinal.

—Oh, você vai me agradecer por um pouco mais do que uma oferta, Danice justa. —Sua voz era zombeteira e suave e muito perto para seu conforto. — E vai fazer isso antes que o sol nasça esta manhã. Melhor guardar meu nome para os agradecimentos apropriados. Saber a quem deve sua gratidão, moça. E esta é para Jack Green.

Ela deu meia volta, pronta para enfrentar o cara e ameaçá-lo com a polícia, só para vê-lo ainda sentado em sua banqueta. A nove metros de distância.

Seus olhos se arregalaram e olhou-o por um longo minuto, sabendo que a nova versão de sua realidade, onde suas amigas se casavam com vampiros e lobisomens, e tiveram outros metamorfos para o jantar, eram bem mais possíveis do que jamais pensou antes. Talvez esse cara fosse mágico, mas de qualquer forma Danice não tinha interesse em descobrir o que ele queria dizer. Neste caso, recuar era a melhor parte da coragem.

Com um nó no estômago, mas de cabeça erguida, virou e forçou a si mesma a sair porta afora. Estava definitivamente na hora de ir para casa, onde poderia fingir que nada disso aconteceu, e onde o mais próximo que tinha chegado da magia tinha passado recentemente no "Segredos Revelados da Magia", um especial na TV.

Capítulo 2

Ele deslizou por seus sonhos como um fantasma, mas seu corpo era quente e substancial contra sua pele. Enrolou-se em torno dela, um firme cobertor vivo pressionado contra suas costas, sua grande estrutura fazendo-a se sentir pequena e protegida quando passou os braços em torno dela e a aconchegou mais perto.

Danice suspirou e se esticou um pouco, arqueando as costas para pressioná-la pra trás contra a ereção que a cutucava. Era quente e bem mais do que substancial. Seu enevoado cérebro sonolento tentou se agarrar em algo sobre o momento que parecia desligado, mas ele a distraiu com um beijo suave e vibrante, colocado logo atrás de sua orelha, onde a pele era perfumada e sensível.

— Mmm.

Ele correspondeu ao seu murmúrio com um ruído surdo, que pareceu muito com um ronronar. Sua língua se moveu sobre a curva de sua mandíbula, traçou um caminho até o lóbulo de sua orelha e brincou por um momento, antes de seus dentes se fecharem delicadamente sobre a carne roliça. Mordiscou e seu murmúrio se tornou um gemido.

O braço em volta de sua cintura apertou em um breve abraço, antes de sua mão deslizar sobre a pele nua para fechar em torno de um seio suave e ainda não despertado. Firmou-o contra a palma de sua mão, o mamilo tomando a forma de um bico duro em seus dedos tateantes. Eles se fecharam ao redor da pequena saliência espremendo delicadamente, puxando ao mesmo tempo em que mordiscava sua orelha. Seu outro braço deslocou e ela sentiu o raspar de uma mão calejada sobre seu quadril e barriga, antes de dedos longos e esguios segurarem possessivamente seu montículo.

Ela suspirou, o som tiritando pela escuridão. O sono ainda a embalava, sonolenta e segura, mas a sensação do toque de seu amante tornava a sensação preguiçosa numa espécie de feitiço, segurando-a no

lugar, deixando-a sem vontade de se afastar. Preferia chegar mais perto. Movendo-se, tentou se virar em seus braços para encará-lo. As mãos dele apertaram para segurá-la no lugar e ela franziu a testa.

Ele silenciou seu murmúrio de protesto beliscando levemente a curva de seu ombro. Sua mão grande amassou seu seio, tirando de sua mente se recusar a permitir que mudasse de posição. Então a mão escorregou entre suas pernas e sua mente ficou fora do ar. Dedos fortes e esguios vasculhavam o pequeno trecho ondulado, e mergulharam abrindo suas dobras, enterrando-se em seu calor molhado.

Instintivamente arqueou seus quadris em direção ao seu toque. Seu clitóris queimando e doendo com a necessidade, mas ele o evitou. Dois dedos separaram os lábios, encontrando sua abertura e lambendo com delicada pressão. Um suspiro escapou de seus lábios e ela se contorceu contra ele. Seu pênis pressionado duro e quente contra suas nádegas, e inclinando-se para o eixo montado na fenda entre eles. Inclinando-se para trás, pra puxá-lo para mais perto, seus dedos enredando em uma massa de cabelos macios e sedosos, surpreendentemente longos e maravilhosamente grossos. Ele resistiu às suas tentativas de guiá-lo, fazendo um som suave contra sua orelha. Sua mão se ergueu de seu seio e entrelaçou seus dedos, segurando-os juntos, quando se moveu rolando de costas e puxando-a para cima dele.

Os cobertores deslizaram para longe, o ar frio acariciando seus mamilos eretos esfriando sua boceta febril, enquanto ele insinuava suas pernas entre as dela e forçava suas coxas a ficarem bem abertas em torno dele. Ela estava deitada em cima dele totalmente aberta ao seu toque, sentindo a mudança e o jogo de seu peito embalando suas costas. Ele ronronou novamente, um som estrondoso em seu ouvido enquanto se esfregava e plantava beijos debaixo de sua sensível cavidade.

— Doce. — ele sussurrou, sua respiração outra carícia. A mão entre sua pernas se moveram, pressionando dois dedos contra sua abertura e deslizando facilmente para dentro. — Macia.

Ela ofegou e se arqueou, tentando atraí-lo mais fundo dentro dela.

— Duro.

Sua boca se curvou contra a pele dela e seus dedos, de repente, empurraram mais duro dentro dela. Danice gritou. Sua boceta se apertou em torno da invasão repentina, a ondulação dos músculos internos fazendo-a estremecer. Estremecendo ainda mais quando seus dedos torceram, apertando mais fundo, raspando delicadamente contra as paredes internas.

— Hum, gosta disso?

Sua voz era um estrondo carregado que a fez estremecer sobre ele. Ou talvez fossem seus dedos.

— Assim mesmo.

Ele riu e seus dedos se afastaram. Seus quadris o seguiram ávidos por seu toque. Voltou com três dedos, alongando e enchendo até sua respiração ficar presa na garganta.

— Que tal assim?

Ela só pôde suspirar.

Retirando-se, empurrando de novo, estabelecendo um ritmo lento e direcionado. Conduzindo Danice direto sobre a borda. Seus dedos apertaram em seus cabelos e ela apoiou seus calcanhares contra o colchão para obter mais poder de alavanca. Não conseguia decidir se deveria usar isto para chegar mais perto ou para fugir. Ele desatou seus dedos dos dela, e deslocou a mão livre para fechá-la novamente em torno de seu seio, o polegar sacudindo sobre o mamilo distendido e praticamente decidindo as coisas por ela.

— Por favor. — Sua voz era um gemido, um apelo, uma ameaça sutil.

Ele riu novamente, mas seus dedos se moveram profundamente dentro de sua boceta molhada, e seu polegar esfregando pequenos círculos em torno de seu clitóris.

— Por favor, o quê? — Não... me dê esta... merda. — ela resmungou, puxando duro seu cabelo. — Você sabe o que quero. Só me foda.

Ela ainda sentia suas mãos. Por um momento se perguntou se ele pretendia deixá-la. Sua mão deslizou entre suas pernas e ela gritou, mas ele apenas mudou o aperto para os lados. Ergueu-se o suficiente para se posicionar, em seguida trouxe seus quadris para baixo, trazendo-a mais perto quando pressionou lentamente e inexoravelmente para dentro.

Ela congelou.

Com sua respiração travando em um suspiro irregular, ela acalmou todos os músculos que podia para saborear o momento de sua primeira penetração. Sentiu o estiramento queimar quando ele aliviou a passagem pela sua entrada apertada, a interminável divisão a deixando sem fôlego enquanto cavava mais fundo. O tempo parou enquanto ele fazia um lugar para si dentro dela, e não avançou até que foi até o punho, cada centímetro de seu pau agarrado confortavelmente dentro de seu calor úmido.

E, oh, mas ali havia muitos centímetros.

Sua cabeça se apoiou contra seu ombro e seus olhos se abriram na escuridão. A falta de luz a cegou, mas não precisava ver quando podia se sentir tão malditamente bem.

— Assim, então. — ele disse rosnando contra sua orelha. — Era isso o que queria, eu dentro de você.

— Siiiim.

— Então deve me dar algo que eu quero em troca.

Seus dentes cerraram contra a sensação que a invadiu quando guiou os quadris dela para cima, fora de seu eixo, em seguida de volta para receber o retorno de seu impulso.

— O que você quer?

Seus dedos apertaram com força suficiente para deixar hematomas contra sua pele caramelo.

— Quero você gritando para mim.

Ele pontuou a exigência com um empurrão que a forçou mais contra ele, batendo a cabeça de seu pau contra seu ventre. Ela não gritou, mas gemeu e ele pareceu tomar isso como um desafio.

Mais e mais ele a levantou tão facilmente como uma boneca de pano, obrigando-a a montar seu pau enquanto batia seus quadris contra sua bunda. Impotente, ela deixou, sua posição a impedindo de tomar qualquer tipo de controle sobre seu acasalamento primitivo. Tudo que podia fazer era apertar os dedos em seus cabelos e gemer, apertando seus músculos internos em torno dele a cada impulso, ordenhando seu pau com sua boceta. Mas essas contrações afetaram mais do que seu amante. Elas vibraram pelo seu ventre, fazendo-a ficar mais quente e úmida, para que deslizasse dentro dela como se tivesse nascido para estar ali. Ela estremeceu e arqueou, sua mão livre se fechou em torno de seu próprio seio, amassando a carne e beliscando duro seu mamilo dolorido. A sensação rude mal a incomodou. Parecia mais com cócegas em comparação com o movimento escavando ritmicamente entre suas coxas.

— Não é bom o suficiente. — Sua voz soou mais áspera neste momento. O controle o estava abandonando também. Sua respiração estava ofegante, e também soava como se falasse com os dentes cerrados. O pensamento a fez sorrir presunçosamente.

— Eu disse...

Suas mãos se moveram, um deslizamento abaixo para obter um aperto mais firme em seu quadril, a outra recuperando seu lugar entre suas pernas.

— Eu quero que você...

Ela gemeu, o som alto e agudo quase como um grito, quando ele abriu suas dobras e encontrou a carne roliça de seu clitóris. Estava inchada com a excitação e sensível a menor pincelada de ar, muito menos a escovação de seus dedos.

—... grite.

Seus dedos se fecharam em torno de seu clitóris apertando com firmeza, e ela gritou.

Ela gozou como um relâmpago impressionante, todo o calor, energia e a glória pirotécnica. Todo seu corpo se apertou em um espasmo de êxtase. Sua boceta travou duramente em torno de seu pau, apertando até que pensou que o ouviu gritar, mas em seguida sentiu a vibração quente de sua liberação, e perdeu a pouca consciência que conseguiu agarrar. Nesse momento parecia que estava equilibrada sobre a cabeça de um alfinete, golpeada por ondas de prazer. Sua respiração vinha em arquejos ofegantes, encrespando sua garganta já áspera de seu grito rouco da liberação, e cada centímetro dela tremia, como se a eletricidade realmente percorresse embaixo de sua pele.

Ela finalmente desabou em cima dele, mole e sem fôlego. Sua mão tinha apertado com tanta força seus cabelos que levou um minuto para convencer seus dedos a parar os espasmos e soltá-lo. Ouviu-o gemer e sentiu o sussurro de seu fôlego contra seu ouvido, enquanto envolvia seus braços musculosos ao seu redor aconchegando-a contra ele. Ela dobrou seus braços sobre ele, saboreando seu calor e os músculos avultados que lhe permitiram movê-la sem o menor esforço para seu prazer. Lutando contra um arrepio pela lembrança, virou a cabeça para

descansar sua face contra seu peito, e se esfregou como um gatinho contra sua pele quente.

O sono veio reclamá-la de volta e ela lutou brevemente para combatê-lo. Tão confortável e saciada quanto estava se sentindo, teve a sensação incômoda no fundo da sua mente que lhe disse que algo estava fora do lugar. Algo que precisava prestar atenção para...

Grunhindo, seu amante estendeu a mão sobre o lado da cama e voltou com os cobertores esquecidos, puxando-os sobre seus corpos ainda unidos. Danice sentiu seus músculos relaxarem ainda mais e suspirou. Talvez o que esqueceu não fosse tão importante, afinal.

Ele virou sua cabeça, escovando beijos suaves sobre sua testa e suas pálpebras fechadas, antes que apertasse seus lábios suavemente nos dela em um macio e quase inocente beijo.

— Durma. — ele murmurou, movendo-se levemente debaixo dela. — Ambos estaremos aqui pela manhã.

Bem, já que ele colocou dessa maneira...

Danice deu um último suspiro, aconchegou-se de volta em seus braços e deixou o sono reclamá-la. O que quer que precisasse fazer, poderia ser feito de manhã.

Capítulo 3

Ela acordou no momento em que ele se mexeu de seu sono aconchegante. Seus olhos se abriram e aquele "algo" que não conseguia lembrar na noite passada se tornou o único pensamento em sua mente frenética.

Danice não tinha um amante, então com quem diabos se enroscou na noite passada?

Lutando para escapar da pilha de músculos e testosterona que esteve estendida sobre ela nas últimas Deus-sabe-quantas-horas, Danice agarrou o lençol para se cobrir e virou-se para o homem estranho em sua cama. Ele a olhou com desconfiados olhos da cor de um mar tempestuoso e se sentou, apoiando-se com suas grandes mãos contra a coberta de algodão do colchão. Uma cachoeira de grossos cabelos dourados cascateando sobre seus ombros até o meio de suas costas.

— Quem diabos é você?

Ela não tinha certeza de qual deles disse isso ou se foram ambos, mas não importava. Aparentemente, ambos precisavam de respostas.

— Você primeiro.

Ele se sentou e apoiou as costas contra a cabeceira da cama.

— Mac. McIntyre Callahan. E você?

— Danice Carter. — Ela sabia que parecia mal-humorada, mas na verdade, quem poderia culpá-la? Não era todo dia que acordava em cima de um homem que não conhecia. — Que diabos está fazendo no meu apartamento?

Ele olhou em volta, em seguida olhou de volta para ela com as sobrancelhas levantadas.

— Eu não acho que esse seja seu apartamento.

—O que quer dizer? É claro que é meu... — Ela avistou a porta com seus “Procedimentos de Segurança” postado na parte de trás, e seu queixo caiu. — Oh meu Deus. Estamos em um hotel.

— É o que parece. — Ele curvou uma perna em direção ao peito, colocando seu antebraço sobre o joelho. Danice tentou não descobrir se seu joelho era a única coisa formando a tenda no lençol que cobria seu colo. — O que gostaria de saber é, por quê?

Seu olhar disparou de volta para seu rosto.

— Quero saber como. Como me trouxe aqui sem eu saber, o que está acontecendo? Você me drogou?

Ele bufou.

— Só se você me drogou também , baby, porque não me lembro nem um pouco disto. O que me leva a acreditar que sei como, e me traz de volta a pergunta sobre o por que.

Ela o encarou completamente confusa.

— Como?

McIntyre deu de ombros.

— Mágica.

*****

— Mágica?

Mac observou seu nariz enrugar como se dizer a palavra deixasse um gosto ruim em sua boca. Pelo que sabia, talvez deixasse.

— Mágica. — ele repetiu. Odiava ser quem despedaçasse as ilusões dos humanos, mas neste caso, não parecia que tivesse muita escolha. — Isto é real. Assim como são todos os tipos de coisas que sempre pensou que só existiam nos contos de fadas e nos filmes ruins. Odeio trazer isto para você, mas Manhattan está cheio de vampiros e lobisomens e coisas que fazem barulho durante a noite.

Ele esperou que seus olhos se arregalassem, pelo choque a fazendo empalidecer sob aquela lambivel pele morena, mas ela só o observou com seus exóticos e amendoados olhos castanhos.

— Eu sei. — ela disse.

De repente, os olhos dele estavam arregalados.

— Você sabe?

— Sobre os vampiros e lobisomens. Sobre todo o Conselho dos Outros. — ela disse, chutando os fundamentos de sua abordagem planejada para lidar com esta situação.

— Minhas duas melhores amigas se casaram com dois deles, um vampiro e um lupino. Mas ninguém disse nada sobre magia.

Isto surpreendeu uma risada dele.

— Você não acredita em magia?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Magia é feitiço e encantamentos, varinhas e pó de pirlimpimpim, certo? Imaginei que os Outros fossem um ramo diferente na velha árvore evolutiva.

Mac olhou para ela absolutamente fascinado. Não só essa mulher tinha um corpo que o deixava insano e uma boceta com a qual estaria sonhando pelo resto da sua vida, mas sabia tudo sobre o outro lado da realidade. Isto quase o deixou sem fala, mas já que ela o encarava, obviamente esperando uma resposta, drenou o poder de algum lugar para refutar sua suposição.

— Bem, eles são, de alguma forma, mas isso não significa que a magia não exista. Não sei o que seus amigos e seus... cônjuges lhe disseram, mas há muito mais coisas no mundo do que apenas vampiros e metamorfos. Na verdade há mais mundos do que apenas este. E mesmo dentre este, há certas... pessoas com poder de fazer magia.

Seus olhos se estreitaram em suspeita.

— Você é um deles? Usou magia para nos trazer para cá de alguma forma?

Ele sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum. Quer dizer, tenho alguns talentos, mas isso está além de mim. Teletransporte é reservado para os de sangue puro, não vira-latas como eu.

Seu olhar passou sobre ele, do topo da cabeça, sobre o peito nu sem pelos, até o lençol que cobria a parte inferior de seu corpo.

— Você não se parece com nenhum dos Lupinos que já conheci.

Sua boca se curvou em um meio sorriso.

— Não esse tipo de vira-lata. Não quis dizer que sou um lobisomem. Vira-lata é uma maneira de se referir a alguém que é parte humana e parte algo mais.

— O que mais?

— Fae.

Ele viu sua testa franzir, observou-a digerir este pensamento até que encontrou um osso. — Fae. Assim como as fadas? Os pequeninos?

— O povo justo. — ele corrigiu rapidamente, lançando um olhar nervoso ao redor do quarto. — Mas sim, como eles.

— Você não se parece com nenhuma fada que já ouvi falar.

— Faerie. — ele disse, mudando sua pronúncia ligeiramente. — E quantas você já viu?

— Nenhuma, que eu saiba.

— Provavelmente nenhuma. Os Fae não passam muito tempo aqui. No mundo humano. Eles acham que a maioria dos humanos são um pouco simplórios.

— Então como é que acabou sendo meio-humano?

Ele lhe deu um olhar irônico.

— Eu disse a maioria.

— Então, um de seus pais era... fae.

Ele acenou com a cabeça.

— Então, isto faz de você...

— Um changeling.

— Mas você não é poderoso o suficiente para ter me teletransportado para cá do meu apartamento, e a si mesmo de onde estava?

Ela tinha uma mente rápida, o que gostava. Quase tanto quanto gostava de seu doce aroma e a textura sedosa de sua pele.

— Certo. Apenas um fae puro sangue poderia manejar isso. Ou uma bruxa extremamente poderosa. Conheceu algum desses ultimamente?

Danice bufou.

— Como vou saber se conheci? Nem sabia que algum desses existia até que me disse.

Mac suspirou.

— Então estamos de volta à estaca zero. Tentando descobrir o que diabos está acontecendo.

Ele viu enquanto sua espinha endireitou e seu queixo inclinou alguns centímetros mais alto.

— Este pode ser seu ponto de partida — ela disse, envolvendo o lençol que usava mais firmemente em torno dela —, mas o meu ponto de partida será me vestir, voltar para o meu apartamento e esquecer que isso aconteceu.

Suas palavras emitiram uma surpreendente ferroada, fazendo Mac franzir a testa e sacudir a cabeça. Ele nunca viu essa mulher antes de hoje à noite, mas a ideia de sua partida o fez perceber que queria vê-la novamente. De preferência nua. Com boa iluminação. Definitivamente não queria que ela o deixasse, muito menos que se esquecesse dele. Olhou ao redor do quarto enquanto tentava pensar em uma maneira de detê-la, e a encontrou. Ele sentiu um sorriso se abrindo em seu rosto como o nascer do sol.

— Hum, isso pode ser um pouco difícil. — ele disse, cruzando os braços sobre o peito e se encostando na cabeceira da cama com um profundo sentimento de satisfação.

Ela fez uma careta.

— Por quê?

—Nenhum de nós parece ter alguma roupa.

Capítulo 4

Danice olhou para Mac, olhou para o chão nu, as cadeiras vazias, o banheiro estéril e de volta para Mac. Seus olhos se estreitaram.

— Então me faça uma.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não posso fazer isso.

— Você disse que podia fazer mágica. Isto é complexo demais para você?

— Ok, deixe-me reformular. Não vou fazer isso.

Danice reprimiu o impulso de sufocá-lo com o travesseiro de penas e respirou fundo. Ao contrário de seu comportamento franco e a reputação avançada, ela não era o tipo de mulher que acordava ao lado de homens estranhos regularmente. Homens sim, mas normalmente pelo menos sabia seus nomes. Uma vez que esta determinada experiência contava como uma primeira vez para ela, pensou que o universo lhe devia uma margem de liberdade.

— Olhe. — ela disse usando seu tom mais razoável de "o tribunal-está-em-sessão". —Sei que o que aconteceu entre nós pode ter dado

uma impressão errada sobre mim, mas não estou jogando aqui, e quero ir pra casa. Agora.

Aqueles olhos azuis acinzentados tiveram a coragem de parecerem complacentes.

— Confie em mim, sei que não é um jogo. Não importa o que você possa acreditar não gosto desta situação, e tenho uma profunda suspeita de que não serei capaz de nos tirar disto, também.

Ele se levantou da cama e foi em direção a porta do quarto.

Danice gritou.

— O que diabos está fazendo? Você está nu!

Ele sorriu.

— Se está envergonhada, cubra os olhos.

E perder a visão do melhor bumbum masculino que já tinha abençoado seu campo de visão? Ela achava que não. Mas ainda ofereceu um protesto quando ele jogou para trás a trava de segurança e abriu a porta para o nada.

Literalmente. Não havia nada do outro lado da porta, nem um corredor, nem uma calçada, nem um estacionamento. Nada. Nem mesmo o céu. Só um grande espaço cinza vazio, sem uma nuvem para preenchê-lo.

Danice piscou e o encarou.

— O que é isso?

— Nada.

— Bem, posso ver isso. Quis dizer, o que...

— Não, realmente — Mac interrompeu, apontando para o espaço cinza — isto é literalmente nada. Como suspeitava, estamos no limbo.

— Limbo é um quarto de hotel de preço médio?

Mac fechou a porta e voltou-se para encarar Danice, que teve que lutar com todos os instintos e hormônios em seu corpo para não olhar

diretamente para sua virilha. Mas ainda notou que ele tinha uma ereção. Com aquele tamanho, tornava-se um pouco difícil não perceber.

— Não exatamente. — Ele agitou para longe a colcha que ela lhe estendia e se esticou gloriosamente nu, atravessando a extremidade da cama onde poderia vê-la. — Se estiver certo, não estamos realmente em um quarto de hotel. Isto é apenas um feitiço. Uma ilusão para nos fazer sentir mais confortável enquanto estamos flutuando na coisa cinzenta lá fora.

Bom Deus. Sua cabeça começou a latejar.

— Então, nada disso existe? Você está dizendo que realmente estamos apenas flutuando do lado de fora e não estou realmente usando este lençol.

Mac sorriu.

— Exatamente.

— Então é melhor você fechar muito bem os olhos, amigo, até encontrarmos um caminho de volta! — Ele riu e estendeu a mão para puxar o lençol.

— Relaxe. Essa é a parte teórica, mas a realidade é que nossas mentes são humanas demais para não ver todas as coisas que o feitiço quer nos fazer ver. Para todos os efeitos, você está totalmente coberta.

Ela suspirou de alívio.

— Bom.

— Nós poderíamos mudar isso.

Deveria lhe dar um tapa por isso, mas ele disse as palavras tão esperançosamente que ela não teve coragem de fazer. Ele era muito charmoso para o seu próprio bem. Obrigou-se a dar-lhe O Olhar.

— Ou não poderíamos.

Ele fez beicinho e dane-se se isto não era bonitinho, também.

— Bem, o que mais sugere que façamos? Duvido que vamos a qualquer outro lugar tão cedo.

— Como pode dizer que isto não é grande coisa? Não está nem um pouco curioso para saber por que estamos aqui, e quem nos enviou para cá? Quer dizer, suponho que este não seja algum tipo de desvio espontâneo na minha realidade, porque tenho certeza de que isso nunca aconteceu antes. Assim, que diabos está acontecendo? — Ela golpeou com a mão na bainha do seu lençol. — E você vai parar com isso? Estou surpresa por sua insistência em usar o sexo comigo como uma maneira de matar o tempo!

Essa foi provavelmente a última coisa que deveria ter dito. As sobrancelhas dele levantaram em uma expressão de surpreendente compreensão, dando-lhe um olhar maldoso antes que isto se transformasse em um sorriso que era positivamente diabólico.

— E isto se trata do que? Acha que quero apenas ter sexo com você porque não tenho nada melhor para fazer? — ronronou, pegando dois punhados do lençol e o usando para puxá-la mais para perto, perto o suficiente para agarrá-la e rolar na cama com ele. —Porque ficaria mais do que feliz em te mostrar como está errada sobre isso.

Ele pairava sobre ela, uma enorme presença dourada com o cabelo caindo como uma cortina em torno deles. Ela queria se envolver naqueles cabelos e sentir a pincelada macia e sedosa deles contra sua pele. Seus dedos coçaram com a lembrança de sua textura, e ela conteve um gemido.

Sua boca se curvou.

— Iria gostar de mostrar a você, Danice. — Ele estabeleceu seu peso em cima dela, apoiando os antebraços no colchão e escovando suas numerosas trancinhas de lado, para que pudesse pegar sua cabeça nas palmas das mãos. Inclinou seus quadris mais diretamente contra os dela,

e ela sentiu sua ereção pressionando sua barriga até que o calor a queimou através do algodão do lençol. Então pegou seu olhar e piscou, e de repente, alguma coisa rasgou o lençol, não deixando que nada separasse sua pele da dela.

Danice engasgou, mas suas pernas se deslocaram instintivamente, separando apenas o suficiente para permitir que seu pau se aninhasse contra o calor entre suas coxas. Ela podia sentir exatamente o quanto ele gostaria de lhe mostrar, e o pensamento quase a deixou louca.

Ela fechou os olhos quando ele abaixou a cabeça, gemendo quando sua língua acariciou a curva de sua mandíbula, dançando para o lado de sua garganta e pairando sobre sua clavícula. Em seguida colocou os dentes na pele e começou a mordiscar, e um violento tremor a sacudiu.

— Na verdade, há um monte de coisas que gostaria de te mostrar, Danice. — Seus lábios se curvaram contra sua pele, tocando levemente as curvas exuberantes e invadindo as concavidades sensíveis. — Gostaria de mostrar a diferença entre um homem e um changeling. A maneira sutilmente mágica de poder fazer sua pele ganhar vida com sensações ou a maneira que isto pode amplificar cada sensação até que seus nervos gritem por descanso.

Suas mãos se moveram, acariciando seus ombros e seu corpo abaixo para embalar seus quadris e exortá-los mais contra ele.

— Quero ensinar a você como ouvir as vozes de milhares de coros cantando músicas fae de êxtase e desejo.

Sua língua sacudiu sobre seu mamilo e a protuberância imediatamente inchou e endureceu para ele. Entre suas pernas outra protuberância começou a inchar, esta revestida em uma espessa doçura de suas necessidades.

— Quero que saiba que para um fae a excitação não é um imperativo biológico, mas uma coisa espiritual. Não preciso de você porque estou duro; estou duro porque preciso de você.

Suas coxas exortaram suas pernas a se afastar e Danice desistiu de fingir protestar. Abriu as pernas em sinal de boas-vindas e envolveu suas panturrilhas em torno da sua cintura esbelta. Enganchou os tornozelos juntos atrás de suas costas e cerrou ambas as mãos em seu cabelo, puxando o comprimento para frente sobre seus ombros. O aroma a envolveu tão certo quanto o seu corpo o fez, cheirando a sândalo, musgo, cravo e a homem. Trouxe um punhado para o seu rosto, aspirando o cheiro dele antes de esfregar os fios contra sua face, como um metro de seda viva. Ele riu, mas ela decidiu que poderia rir dela o quanto quisesse. Fora longe demais para se incomodar.

Sua risada retumbou em um gemido quando ela esfregou a sola de um pé com força na sua coxa, e se tornou um grunhido, quando desembaraçou uma mão de seus cabelos e a fechou sobre uma banda firme de sua bunda. Ela passou a unha levemente sobre a curva interior e ele estremeceu, puxando-a com força contra ele e se posicionando, de modo que seu pau bateu contra sua entrada, tremendo por uma chance de estar dentro dela. Quase podia ouvir a maneira como cerrava os dentes em uma tentativa desesperada para se autocontrolar, e isto lhe deu um pequeno sentimento de satisfação. Pelo menos não era a única nesta cama que mataria para ser fodida agora.

Arqueando os quadris para tomar a ponta do seu pau dentro dela, Danice abriu os olhos em fendas estreitas e o olhou com clara exigência.

— Se você quer fazer todas essas coisas comigo — ela disse, sua voz rouca e baixa de necessidade —, porque não para de falar sobre isto e começa a fazer?

Escavando os calcanhares na parte de baixo de suas costas, ela apertou as mãos em seus cabelos e empurrou seus quadris para cima em sua direção, duro e rápido, forçando seu pau profundamente em sua boceta à espera.

— Senhora! — Seu grito rouco soou como se tivesse sido arrancado de sua garganta, mas não parecia muito como um protesto. O modo como jogou a cabeça para trás e preparou-a para o rápido empurrão de seus quadris, não pareceu como um protesto também. Parecia o paraíso quando forçou cada centímetro de si mesmo profundamente, enchendo-a até que pensou que poderia sentir seu pau cutucando seu coração.

— Mais. — Ela exalou o apelo mais como um sussurro, mas ele respondeu com um ritmo lento e intenso que a feria mais a cada estocada impelida. Suas mãos abandonaram seus cabelos e agarraram seus ombros para se apoiar. Podia sentir o colchão tremer debaixo dela, e o brilho escorregadio do suor revestindo seus músculos e os dela. Esperava ver faíscas onde seus corpos se esfregavam, especialmente onde a base de seu eixo massageava seu clitóris a cada golpe. Quando ele grunhiu e ajustou sua posição para deslizar uma fração mais profunda, seus olhos se abriram e podia jurar ter visto faíscas.

Ela gritou e ele grunhiu uma resposta.

— Agora! — Rugiu quando seu grande corpo ficou tenso em cima dela e Danice alegremente obedeceu, seus próprios músculos convulsionaram, sua boceta apertando para ordenhar seu pau, que derramou uma torrente de calor em seu interior.

Seu peso se acomodou em cima dela em uma dura pilha suada, mas se surpreendeu por não se importar de modo algum. O homem poderia ser parte da estranha experiência de sua vida, mas era um cobertor danado de bom. Ela poderia ter caído no sono ali mesmo, se não fosse a voz irritantemente familiar que destruiu sua paz.

— Bem, vejo que não estamos nem um pouco descontentes com o lugar onde os deixamos, estão?

Capítulo 5

A voz masculina e zombeteira e levemente acentuada assustou Danice de seu relaxamento e a deixou mais do que um pouco mal-humorada. Especialmente porque não veio do homem atualmente esparramado, metade em cima e metade fora de seu corpo nu. Ela e Mac se viraram em direção à janela, usando uma carranca correspondente um para o outro.

— Quem diabos é você?

Danice estremeceu. A ideia de que fez a mesma pergunta a dois homens nus nas últimas duas horas a deixou se sentindo a cerca de meio passo de Slutsville[2].

Jack Green sorriu e balançou a cabeça.

— Ah, como se esquecem tão cedo. Tão ingratos também. Depois de tudo que fiz por eles.

Danice empurrou Mac de lado e puxou o lençol para cobrir tudo que precisava cobrir.

— Você é aquele esquisitão do bar!

[2] Slutsville é uma área de uma determinada cidade ou vila onde há grande concentração de prostitutas ou vadias ou simplesmente de mulheres que se parecem com elas.

— Agora isso não é uma coisa agradável para se chamar alguém, justa Danice. — Jack disse. — Especialmente alguém que teve suas melhores intenções no coração. Não dei a você exatamente o que prometi?

Ela olhou para as orelhas pontudas que pensou serem próteses, o cabelo extremamente longo e pálido, o olhar demasiadamente bonito, e praguejou. Então olhou novamente e praguejou um pouco mais. Mais alto. E mais criativo.

Mac franziu a testa.

— O que está acontecendo? Seoc, o que prometeu a ela? — Ele se voltou para Danice e a pegou pelo braço. — O que ele te prometeu?

Ela sacudiu os ombros para se soltar dele e bateu em sua mão para afastá-lo.

— O que você disse? Você conhece esse cara?

Seus olhos se estreitaram, enquanto o observava pesar sua resposta.

— Sim. — suspirou. —Eu o conheço. Ele é fae.

— Amigo? Parente? Companheiro de copo?

Mac bufou.

— Nenhuma das opções acima. Mais como um notório pé no saco. Disse que o conhecia, não que gostava dele.

Jack/Seoc colocou as mãos bem cima de seu coração e fez uma expressão de mágoa.

— Estou profundamente ferido, McIntyre, que você me negue tão cruelmente.

Danice levantou uma sobrancelha para Mac, cruzou os braços em cima do peito e apertou os lábios.

— Dá um tempo. — Mac disse. — Não pode levá-lo a sério, baby. Ele está apenas tentando criar problemas. De novo. — Ele fez uma pausa para olhar para o fae, e o pé de Danice começou a bater com

impaciência no tapete. — Seoc é sobrinho da Rainha das Fadas. Ele é uma celebridade. Todo mundo o conhece. Só porque sei quem é não significa que estou envolvido em qualquer golpe em que esteja metido. Isso seria como eu supor que conhece o príncipe Charles pessoalmente, só porque mencionou seu nome.

O pé parou de bater, mas seus braços se cruzaram.

— Então você aborda o problema da realeza como se os conhecesse? E tem o direito de repreendê-los?

Mac bufou ainda mais alto.

— Quando for deste Seoc, eu faço. A própria rainha tem incentivado as pessoas a chamar seu sobrinho de idiota. Ela acha que pode ajudá-lo a baixar a bola, se não for a única a chamá-lo disso. Bem, desde que não o faça na frente dela. Então ela se sentiria no dever de defendê-lo.

Danice revirou os olhos.

— Claro. Grande sistema.

— Ei, não me culpe. Não fui eu quem fez isto. Nem mesmo vivo em Faerie, e só estive ali umas duas vezes. Viajar entre os mundos é... desencorajador. Você precisa de mais do que apenas um passaporte para passar.

— Então o que ele está fazendo aqui? — Ela apontou com o queixo para Jack/Seoc.

— É isso exatamente o que quero saber. — Mac olhou para o fae loiro. — Então por que não explica o que está fazendo sem supervisão no Ithir[3] , Seoc. Gostaria realmente de ouvir isso.

Seoc arregalou os olhos e tentou parecer inocente. Por alguma razão, até Danice podia ver através do ato.

[3] Etéreo.

— Não tenho ideia do que está falando, McIntyre. — ele disse. — Tecnicamente não estou em Ithir. Estou no limbo, o qual não é restrito absolutamente.

— Comece a falar antes que restrinja seu fluxo de ar. — Mac rosnou, empurrando-se para fora da cama e caminhando em direção a Seoc com um brilho decididamente malicioso em seus olhos.

Ele deu cerca de dois passos antes que Seoc saltasse para trás e acenasse com a mão elegante na frente dele. Diante dos olhos incrédulos de Danice Mac congelou no lugar, ainda a meio passo, com um pé grande pairando a poucos centímetros do chão.

— O que...? — Ela observou enquanto o rosto de Mac franzia em uma careta antes que suavizasse com um olhar enfurecido. — Seu pequeno amante de duende. — sussurrou, parecendo pronto a rasgar Seoc membro a membro, mesmo enquanto balançava congelado em um pé. —Liberte-me. Agora.

— Não. — Seoc fez uma careta e se jogou na única poltrona do quarto. — Se eu soltá-lo, você vai tentar e me machucar.

— Esteja malditamente certo que vou. — Mac rosnou. — Farei você sofrer de maneiras que nem pensaria que fosse possível. Então, quando me acalmar, vou machucar você um pouco mais.

Danice pigarreou.

— Hum, Mac, não sei se essa é a melhor maneira de convencê-lo a, hum... soltá-lo.

Seus olhos se voltaram para o lado para incluí-la em sua linha de fogo.

— E eu que pensei que estava sendo tão diplomático. — ele disse, sua voz ficou perigosamente sedosa. — Afinal, não disse o que eu faria com o seu pau inútil pouco depois que eu...

— Viu? — Seoc levantou as mãos no ar e se virou para Danice. — Viu com o que tenho de lidar? É por isso que estou sempre saindo de casa e caindo fora do Faerie! Porque não consigo absolutamente nenhum respeito. Sou o sobrinho da Rainha. Sou um príncipe! Mas será que alguém já me tratou como um príncipe? Nãooo-oooo. Ninguém nem mesmo me chama de príncipe, e este é meu título de sangue!

Danice piscou ante a súbita explosão de raiva frustrada e cautelosa, deu um passo atrás.

— Um, uau. Isso... er, isto é dureza.

— Pode apostar seu rabo extremamente atraente que é. — ele reclamou. — É intolerável! Inclusive minha tia me trata como um idiota irresponsável e não vou tolerar isso!

— A rainha trata você assim porque essa é a maneira que você age. — Mac rosnou. —Talvez se realmente crescesse e começasse a ter algum interesse em fazer algo construtivo, sua tia começaria a tratá-lo como um fae adulto.

Seoc zombou.

— O que você sabe sobre isto, changeling? Você não é nem mesmo de puro sangue. Pode muito bem ser humano!

— Ei! — Danice estalou. Ela poderia estar de alguma forma perturbada, mas isso não queria dizer que não merecia um pouco de respeito, porra!

— Desculpe. — Seoc resmungou. — É que isso me deixa tão chateado. Imagine como se sentiria na minha posição. Toda vez que você se vira alguém está lá, apenas esperando para que cometa um erro para que possam dizer: “eu te disse”.

— Já tentou não cometer erros?

Danice olhou para seu amante petrificado.

— Mac, todo mundo comete erros. Seja justo.

— Exatamente! — Seoc gritou, explodindo em um sorriso tão encantador que Danice sentiu sua própria boca começar a se curvar. — Não é de se admirar que eu quisesse te dar algo especial? Logo que a vi soube que era o tipo de humana que seria capaz de entender as coisas maiores que você, e sua monótona vidinha humana. É por isso que me ofereci para realizar suas fantasias.

O sorriso lentamente se transformou numa expressão tão oposta, que ela ainda viu os olhos de Mac se arregalarem na sua visão periférica.

— Trata-se disso? — ela perguntou com cuidado. — Você usou algum tipo de estranho poder mágico para me levar para fora do meu apartamento e me enfiar no limbo, na cama com um homem que nunca conheci e que poderia ser algum tipo de estuprador ou um serial killer ou algo assim, e acha que fez isso porque gosta de mim? Como um favor para mim? — Ela podia se sentir tremendo com a força de sua raiva. — Você está fora de sua pequenina, mínima mente de faerie?

E ele ainda teve a coragem de parecer chocado.

— O quê? Como pode dizer essas coisas? — ele perguntou praticamente choramingando. — Vi suas fantasias quando estava sentado ao seu lado no bar. Você queria um amante como McIntyre. Tudo que fiz foi tornar seus sonhos realidade. Você deveria estar me agradecendo!

Ela respirou fundo e esperou que sua raiva diminuísse. Isto não aconteceu, então deu um passo ameaçador para frente.

— O dia em que eu te agradecer, será várias vidas depois que rasgar suas entranhas de seu estômago e usá-las para prever o futuro. Você está além da estupidez. Como se atreve a presumir que pode se intrometer sem ser convidado em minha mente!

Seoc empalideceu e jogou o cabelo para trás.

— Mas realizei sua fantasia!

— Não, você jogou um jogo irresponsável com a minha segurança e minha mente, seu nojento duendezinho.

Ela ouviu o assobio de Mac.

— Ooh, isto foi baixo, baby. Duendes são cidadãos de segunda classe em Faerie. Na verdade, não são nem mesmo bem quistos. São mais como lesmas gosmentas.

Ela sorriu tristemente.

— Ótimo. Então fiz uma analogia apropriada. — Deu outro passo para frente. — Você não sabe nada sobre os humanos, com exceção de suas próprias opiniões preconceituosas sobre nós, e ousa me dizer que me deu um presente? E se não quisesse que a fantasia fosse cumprida? E se me leu errado, e se na realidade tivesse pensado em algo que pessoalmente achasse desagradável? E sobre isso, hein? Teria se importado? Teria notado?

Seoc abriu a boca para protestar, mas ela não o deixou falar.

— Você é a pessoa mais moralmente repreensível que tive a desgraça de algum dia ter encontrado. — sibilou, inclinando-se para frente até suas tranças caírem sobre seus ombros, e quase roçarem as mãos que ele tinha cerrado sobre os braços da cadeira. —Deveria usar a minha mente humana pouco divertida para penar em uma punição adequada, mas temo que a única coisa que posso pensar agora envolva um monte de dor e derramamento de sangue, e tenho um estômago delicado!

Os olhos do fae estavam arregalados quando guinchou um protesto.

— Se tentar me machucar, irei congelá-la assim como fiz com o changeling. O-o-o-ou eu t-te transformo em um...em um sapo.

— Vá em frente. — disse, seus lábios se curvando em um grunhido. — Pelo menos assim você teria uma alma gêmea por perto.

Ele ergueu a mão trêmula e Danice se preparou.

— Seoc! Experimente e vou levar alguns minutos para deixá-lo sem sentidos, antes de levá-lo de volta para sua tia.

A voz profunda e ameaçadora e decididamente estranha, veio da porta do quarto do pseudo-hotel e fizera, tanto Danice quanto Seoc, sacudirem suas cabeças pela surpresa. Um homem ridiculamente alto e ridiculamente musculoso estava parado do lado de dentro da porta, com uma mão ainda posicionada na maçaneta e outra no punho de uma espada que era, provavelmente, quase tão longa quanto Danice era alta. Ele tinha os olhos mais verdes do que a cor verde, orelhas pontudas, cabelos longos e escuros e uma expressão furiosa no rosto bonito.

Danice se endireitou e virou para ele, como se o novo alvo fosse ele.

— Oh, exatamente o que eu precisava. Outro homem estranho me vendo nua. Sempre me perguntei como seria fazer isto com três em uma única noite.

O recém-chegado de olhos verdes com a espada em punho piscou para ela, seu olhar furioso mudando para um olhar de confusão.

— Você não está nua. — ressaltou, ainda fazendo um gesto com sua espada. — Está usando um, isto é o lençol da cama?

— Hum, ela é um pouco sensível sobre essa coisa de roupas ou sem roupas. — disse Mac de seu ponto imóvel atrás de Danice. — Não insistiria sobre isto se fosse você.

A cabeça de Danice virou lentamente, até que seu olhar se fixou em Mac e fez seus olhos se arregalarem.

— Vou lidar com você mais tarde.

Antes que ela pudesse abrir a boca para dizer outra palavra, Seoc saltou da cadeira para enfrentar o recém-chegado com um olhar infantil de desafio.

— Não vou voltar. — disse Seoc plantando as mãos nos quadris e levantando o queixo. — Estou cansado da forma como todos me tratam

lá. Ninguém me trata com respeito e estou cansado disso. Prefiro ficar em Ithir. Pelo menos os humanos não tentam me dizer o que fazer.

— Isso não é uma opção. — disse o moreno alto e bem armado. — A Rainha me mandou buscá-lo de novo, e é isso que vai acontecer. Se não gosta, pode levar isto para sua tia.

A pose desafiadora de Seoc desmoronou, e ele sapateou e gemeu como uma criança de três anos de idade.

— Mas ela nunca me escuta! A última vez que me levou de volta, ela me confinou em Faerie por meses! Não tinha permissão nem para ir a algum lugar interessante ou fazer nada divertido.

Os olhos do outro fae se estreitaram, mas ele embainhou sua espada, o que fez Danice relaxar um pouco.

— Você vai ter sorte se ela não fizer isto por anos desta vez. — disse. — Mas se tentar correr agora, apenas irei atrás de você. E quando te encontrar, vou me certificar que a Rainha se sinta ainda menos caridosa com você do que se sente agora.

Danice quase podia ver o aviso mergulhar pela cabeça dura de Seoc. Ela viu seu rosto azedar, sua postura relaxar e seus ombros se afundarem, antes que se arrastasse relutantemente para frente até que estivesse ao lado do Homem Perigoso.

— Tudo bem. — ele fez beicinho. — Se é assim que vai ser, então vamos acabar logo com isso.

O estranho resmungou e colocou a mão no ombro de Seoc para conduzi-lo em direção à porta.

— Ei! Não está se esquecendo de alguma coisa? — Mac chamou soando seriamente irritado. Não que Danice pudesse culpá-lo. Se alguém a tivesse paralisado por uns bons dez minutos, provavelmente estaria muito ansiosa para voltar ao normal também.

Seoc olhou para eles e franziu a testa.

— Ah, certo. Desculpe por isso. — O feitiço paralisante vai expirar em duas horas e você estará de volta no apartamento da humana. Não há nada que possa fazer com o feitiço paralisante agora. — Ele estalou os dedos, disparou ao estranho um último olhar descontente e ambos saíram. Não através da porta, porque isso teria sido muito normal para o dia que Danice estava tendo. Eles caminharam até a porta, fizeram uma pausa e depois simplesmente desapareceram.

Capítulo 6

Danice ainda estava olhando para o local onde estavam parados quando sentiu um par de mãos recém-familiares envolver seus ombros.

— Então, uh, ainda está com raiva de mim?

—Não decidi ainda. — Ignorando suas mãos, ela recolheu as pontas do seu lençol e se dirigiu para a porta.

— Aonde você vai? — Ele exigiu, e o medo genuíno em sua voz lhe deu certa sensação de satisfação.

— Para o banheiro. Quero tomar um banho.

Entrou no banheiro surpreendentemente espaçoso, ligou a água, deixou cair o lençol e começou a contar até dez. Fez isso por quatro, talvez quatro e meio, antes de Mac abrir a porta e entrar.

— Fui tão vítima nisto tudo quanto você. — ele disse a encarando. — Não fazia ideia do que estava acontecendo até esta manhã. Ontem à noite atravessando o inferno me senti tão incrível por tocar em você que não pensei em mais nada. Vá em frente e me odeie por não ser capaz de

parar de fazer amor com você, mas quero que perceba, você não tem direito de me culpar.

Ela empurrou a porta fechando-a atrás dele, então entrou no chuveiro.

— Eu sei.

— Talvez devesse me certificar que não estava sonhando quando cheguei e a senti aconchegada contra mim, mas você estava tão... — ele interrompeu seu discurso e olhou para ela através do vapor de água fumegante. — Você sabe?

— Não sou estúpida. E entendi quando Seoc confessou. — Ela pegou um sabonete na embalagem, rasgou-a e jogou o papel enrolado em Mac. Ele saltou em seu peito enquanto ele olhava para ela, estupefato.

— Então por que ainda está com raiva de mim?

Ela quase sentiu pena dele. Os homens podiam ser tão lesados às vezes.

— Não disse que ainda estava com raiva de você. Disse que não tinha decidido se estava ou não. Mas agora decidi. E não estou.

Ele piscou.

— Não está?

Ela esfregou o sabonete até que ficasse uma espuma espessa e começou a massagear a espuma na pele dos ombros e peito dele. Levou toda a sua força de vontade não sorrir, quando viu seus olhos seguirem os movimentos.

— Não. Ah, ainda estou um pouco irritada, mas não com você. Você eu perdoo, mas não posso alegar que não vá discutir sobre isto ocasionalmente no futuro, quando me irritar.

Ele ficou preso ao chão, quase como se tivesse sido paralisado novamente. Danice riu e balançou a cabeça, estendendo-lhe a mão. Ele olhou fixamente para ela.

— Vamos. — ela encorajou. — Se não estou mais brava com você, isso significa que podemos transar.

Ele entrou no chuveiro com ela, vestindo nada além de uma expressão aturdida. Ela teve que morder o riso.

— Transar?

— Totalmente. Não me diga que nunca ouviu falar disto. — Ela pressionou seu corpo escorregadio e úmido contra o dele, e inclinou seu rosto para que pudesse vê-lo. — Isso acontece logo depois de uma briga, mas antes da adrenalina ter sido totalmente absorvida. Isto pode ser uma aventura.

Sua risada escapou dele, como se tivesse acabado de sair de outra magia, e ela sentiu seu braços a envolver, para apertá-la com força e tirá-la do chão.

— É verdade. — ele resmungou. — Parece intrigante, admito, mas acho que é melhor você demonstrar. Só assim saberei do que está falando.

Ela sorriu e envolveu as pernas ao redor de sua cintura, sentindo sua ereção crescendo até que empurrou contra ela insistentemente.

— Bem, normalmente não dou seminários, mas suponho que neste caso poderia ser persuadida a fazer uma exceção.

Capturou sua boca com a dele em um beijo demorado. A língua lambendo, os dentes raspando, os lábios sugando, mantendo-a até que aquele beijo não fosse suficiente, fazendo seu corpo derreter e doer por ele. Quando sentiu sua umidade brotar e chover em cima dele, ela gemeu. Ele se afastou com um sorriso.

—Realmente aprecio isso.

Danice estreitou seus olhos, lambeu os lábios e mudou seu peso para que seu pau cutucasse firmemente contra sua entrada.

— Nesse caso — ela disse, recolhendo-se para cima e em seguida se permitindo afundar lentamente nele, saboreando a tensão da implacável pressão de sua penetração —, é melhor se preparar.

Ela o ouviu gemer, em seguida sentiu seus braços mudarem para permitir que ela afundasse ainda mais em seu pau. Ele empurrou seus quadris contra ela até que se enterrou dentro dela tão profundamente, que jurou que poderia prová-lo na parte de trás de sua garganta. Gemendo baixinho e apertando sua bochecha no seu ombro, empunhou suas mãos em seus longos e sedosos cabelos enquanto a água jorrava sobre eles e seu coração batia em um ritmo rápido e instável. Usou o aperto de suas pernas em volta dele para se erguer, estremecendo com a relutância de sua própria carne em desistir de seu domínio sobre ele. Então, incapaz de suportar até mesmo aquela pequena separação, deixou-se afundar, envolvendo seu grosso pau com um gemido de alívio. Ele deixou que repetisse o movimento mais uma vez, antes que suas mãos agarrassem bem apertado em sua cintura e a puxasse com força contra ele.

— Não. — ele grunhiu acima do seu grito ofegante de prazer. — Prefiro preparar você.

E ele o fez, endireitando-a contra o azulejo frio da parede do chuveiro.

Ela gritou em choque e tentou se esquivar, mas ele a prendeu no lugar com o peso de seu torso, agarrou suas coxas para engatá-las ao redor de sua cintura e começou a empurrar.

Danice jogou a cabeça para trás, nem mesmo percebendo quando sua cabeça bateu de volta contra o azulejo, duro o suficiente para fazer um galo. O único levantamento que importava era a maneira de apertar suas coxas permitindo que se erguesse mais alto fora do pau de Mac, porque isto fazia o retorno golpear mais longo e mais doce. Agarrou-o

com os braços e as pernas e gemeu impotente, ele acelerou o ritmo, batendo mais e mais rápido contra ela.

— Mac! Ah!

Ela ouviu seus gritos à distância, assim como ouviu seus grunhidos enquanto ele arremessava dentro dela. Suas mãos se soltaram de suas coxas e estapearam estupidamente contra o azulejo ao lado de sua cabeça, enquanto se apoiava e a fodia ainda mais forte. Danice podia sentir sua garganta ficar áspera, gritos estrangulados rasgando dela, mas não se importava. Tudo que importava era a sensação dele dentro dela, e o clímax que podia sentir se aproximando cada vez mais. Ela fechou bem os olhos e levantou o rosto para a água, sentindo as gotas pinicando seu rosto, a água quente, quase morna, contra o calor ardente de sua pele. A tensão era insuportável e ela se perguntou se seria reduzida a implorar pela liberação.

Isso nunca aconteceu. Ela gozou na próxima investida dura, resistindo e tremendo entre a parede e o corpo de Mac, suas orelhas zumbindo com a intensidade de seu prazer e do barulho do grito de êxtase de Mac.

Quando pôde ouvir o tamborilar da água novamente, Danice percebeu que sobrevivera ao clímax. Bastou um toque e estava lá em alguns minutos, mas aparentemente não morreu afinal. Quando mexeu os dedos das mãos e dos pés descobriu que todas as suas partes ainda funcionavam bem. As coisas estavam melhorando.

Mac gemeu e se mexeu contra ela, estendendo a mão e desligando o chuveiro. Ela se agarrou nele como uma craca, enquanto ele saia da banheira e pegava uma toalha de banho, enrolando em volta dela, enquanto a levava para o quarto.

Eles caíram sobre a cama em uma pilha esgotada e se abraçaram, a toalha enorme absorvendo a maior parte da umidade.

Ela riu.

— Se tivesse me dado ao trabalho de entrar no banheiro, teria notado imediatamente que este lugar era mágico.

Ele resmungou, mas em uma espécie de questionamento.

— As toalhas. — disse. — Nos hotéis de verdade não tem toalhas tão grandes.

Ele bufou e os rolou até que estivessem deitados de costas, com Danice enrolada ao seu lado, a cabeça apoiada em seu ombro.

— Veja, a magia não é totalmente ruim.

— Sim. Se você fizer algumas dessas toalhas aparecerem com mágica quando voltarmos ao meu apartamento. Poderia aprender a gostar disto.

Ele enrijeceu e abriu os olhos para olhar para ela.

— Isso significa que quer que eu fique por perto, assim que voltar à realidade?

Ela sorriu.

— É claro. Não sou estúpida o suficiente para deixá-lo ir embora agora.

Seu sorriso foi instantâneo, enorme e lindo.

— Ótimo. Porque você não pode se livrar de mim, mesmo se tentar.

Eles compartilharam um beijo que era doce e suave, e mais uma vez faminto, e quando terminou Danice se aconchegou no seu ombro com um suspiro.

— Vai ser estranho estar de volta ao mundo real. — disse. — Levei semanas para me ajustar a toda a coisa de vampiros e lobisomens. Imagino que vá demorar pelo menos algumas horas para processar a coisa fae/changeling.

Ele a abraçou.

— Bem, pelo menos você sabe que vai ser capaz de falar com seus amigos sobre isto, e eles não irão pensar que está louca.

Ela riu.

— Verdade. Porque se eu fizer uma curva, eles já estarão ali esperando por mim. — Correu os dedos sobre seu glorioso peito musculoso e sua boca se curvou com um sorriso perverso. — É claro, eu poderia dizer a eles que estou fora da cidade por alguns dias primeiro.

— Ah? É por que isso?

Ela rolou sobre seu peito e sorriu para ele.

— Porque apesar do muito que amo meus amigos, posso pensar em mil coisas para fazer por algum tempo que serão um inferno de muito mais divertidas do que falar com eles.

A boca de Mac se curvou em um sorriso correspondente, e ele passou as mãos por suas costas, colocando as palmas em sua bunda e apertando.

— É mesmo? — sussurrou. — Por que não vai em frente e me mostra estas coisas?

Ela se contorceu contra ele e sentiu seu pau endurecer contra sua barriga.

— Tudo? Porque há bastante... — Ela se inclinou para beliscar sua boca.

— Comece com a primeira coisa que vier à sua cabeça. — ele instruiu, orientando seus quadris até que pudesse escorregar de volta para dentro de sua boceta acolhedora. — E trabalharemos de nosso jeito na lista.

— Perfeito. — Danice gemeu quando sentiu seu corpo e coração transbordar com Mac. — Isso é apenas absolutamente perfeito.

E foi assim.


PRT